DESIGUALDADE CULTURAL, UMA VISÃO CRÍTICA ACERCA DISSO NA ANÁLISE DO CONTO: *AN OUTPOST OF PROGRESS*

SIMONE BRITO RIBEIRO

 No conto “*An outpost of progress*” encontramos diversas temáticas discutíveis tais como: colonização, preconceito, relativismo social, etc., mas atenho-me a falar aqui sobre o choque de culturas presente no conto e a visão que ambos os lados possuem a cerca disso, e que conseguimos identificar e analisar no presente texto, para compreendermos quão profunda e complexa é uma obra tão espessa, longa e incoerente.

 A apresentação do conto se dá através dos seus principais personagens, seguido da descrição física de cada um:

There were two white men in charge of the trading station. Kayerts, the chief, was short and fat; Carlier, the assistant, was tall, with a large head and a very broad trunk perched upon a long pair of thin legs. The third man on the staff was a Sierra Leone nigger, who maintained that his name was Henry Price. However, for some reason or the name Makola, and it stuck to him through all his wanderings about the country. He spoke English and French with warbling accent, wrote a beautiful hand, understood bookkeeping, and cherished in his innermost heart the worship of evil spirits. His wife was a Negress from Loanda, very large and very noisy. Three children rolled about in sunshine before the door of his low, shed-like dwelling. Makola taciturn and impenetrable despised the two white men. (Joseph Conrad, p.459)

 Depois aparece outro personagem bastante relevante na narrativa e temos logo abaixo sua descrição:

At times Gobila came to see them, Gobila was the chief of the neighboring villages. He was a gray-headed savage, thin and black, with a white cloth round his loins and a mangy panther skin hanging over his back. He came up with long strides of his skeleton legs, swinging a staff as tall as himself (…). (Joseph Conrad, p. 468)

 A partir das descrições acima podemos observar a vasta diversidade cultural de crenças, opiniões e de interesses opostos dos indivíduos de uma mesma sociedade, expondo por um ângulo, a indigência de conviver e de acatar diversas características com as divergências de uma sociedade e por outro lado expõe os conflitos, os obstáculos, a exclusão que há presente no texto estudado e isso é consequência desse choque de realidade. Tudo isso, evidentemente, sabemos que está sujeito a ocorrer em qualquer meio de convívio social, uma vez que um empenho de um não é igual aos dos demais e se tratando desse conto vemos uma grande desvalorização de negros índios e escravos.

 Mediante a isso podemos afirmar que dentro da narrativa do conto “*An* *outpost of progress*” percebem-se diversas opiniões de cada grupo social existente na obra.

 Como não falar de Kayerts e Carlier, homens de pele branca, estrangeiros, que chegaram a uma terra (África) sem nenhum cuidado para entender nem e inserir a cultura daquele local, se consideravam acima de tudo e de todos e para eles era pouco importante compreender a nova cultura, o que os interessava realmente era tirar proveito das suas riquezas, no caso o marfim (substância resistente de que são constituídas as presas do elefante). Por isso era imprescindível que tivessem a confiança daquele povo para alcançarem seus objetivos. E conseguiram isso se tornando amigos de todos, pois, para conquistá-los, começaram agradando-os, levando até eles mercadorias inexistentes naquele país como: “fios de cobre e pano de algodão”. Veja: “He had charge of a small clary storehouse with a dried grass roof, and pretended to keep a correct account of beads, cotton cloth, red kerchiefs, brass wide, and other trade goods it contained.” (Joseph Conrad , p. 459)

 Coisas essas insignificantes para eles, já para o povo daquele local era algo novo e interessante. O ponto de vista do povo local muda completamente por causa disso. A partir daí passaram a tê-los como amigos, não notaram que estavam sendo enganados e explorados, que estavam explorando suas riquezas a troco de nada, pois não tinham conhecimento do valor material e da importância que possuía os dentes dos elefantes. Em suma, percebemos que a pobreza de conhecimento de seu território que esse povo possuía, pois tudo isso resultou na grande exploração do mesmo.

 Percebemos aqui a predominância do branco em relação ao negro, o poder de uma minoria, agindo sobre a maioria. Vemos ai às contradições de uma sociedade: propósitos apenas de um dos lados, uma vez que, o outro faz apenas o que foi designado a fazer e é incapaz de reconhecer a sua vulnerabilidade diante da situação vivida por eles, ou seja, sua fragmentação.

 Focando agora no contexto da narrativa, falemos do personagem Makola, que através de sua apresentação percebemos a diferença que ele tem em relação aos demais personagens. Ele é o que podemos chamar de “negro civilizado”. Seu verdadeiro nome é Henry Prince, Makola é apenas seu apelido. Vemos aqui então, duas perspectivas a cerca disso: Makola representa o negro, a raça, as suas origens, “The third me on the staff was Sierra Leone nigger (...)” (Joseph Conrad, p. 459). Henry Prince remete ao homem branco, pois possuía características do homem branco daquela época: “He spoke English and French with a warbling accent, wrote a beautiful hand (...)” (Joseph Conrad , p.439), isso nos mostra que Makola é a representação personificada da variedade cultural daquela sociedade, no entanto, por assim ser chamado “negro civilizado” isso nos dá uma denominação ambígua a cerca disso. Se ele é um negro civilizado, essa civilização o dava características do homem branco, então como entender o seguinte trecho: “Makola, taciturn and impenetrable, despised the two white men?” (Joseph Conrad ,p.459). Percebemos ai, então, que há uma discordância entre as visões de cada personagem. Um único personagem nos traz visões diferentes de uma mesma direção e isso torna o conto contraditório e cheio de exceções.

 Voltando o olhar para outro personagem, o Gobila, pode-se afirmar que ele também nos traz perspectivas a cerca de seu comportamento: uma nos mostra quão receptivo ele é com os brancos, pois de início os admirava e lhes oferecia sua amizade.

The two white had a liking for that old and incomprehensible creature, and called him father Gobila. Gobila’s manner was paternal, and he seemed really to love all white men. They all appeared ho him very young, (…), and he knew that they were all brothers, and also immortal. (Joseph Conrad, p. 468)

 Pode-se dizer que isso demonstra sua possível ingenuidade no que diz respeito ao verdadeiro propósito dos brancos, seu foco era limitado, pois não conhecia um mundo ou pessoas diferentes. Limitava-se apenas ao que tinha ao seu redor, por isso admirava tanto o novo.

 No entanto, ele acabou se decepcionando com as pessoas ao seu redor e sua visão a cerca disso foi mudando significativamente, seu conhecimento de mundo se ampliou e a partir daí ele pôde enxergar o que realmente acontecia ao seu redor, a admiração que antes possuía pelos brancos foi sucumbindo até o ponto de ele os deixar a míngua e amaldiçoá-los:

In his fear, the mild old Gobila offered extra human sacrifices to all the Evil Spirits that had taken possession of his white friends. His heart was heavy. Some warriors spoke about burning and killing, but the cautious old savage dissuaded them. Who could foresee the woe those mysterious creatures, if irritated, might bring? (…). Perhaps in time they would disappear into the earth as the first one had disappeared. (Joseph Conrad, p. 479)

REFERÊNCIAS

CONRAD, Joseph. White man & colonialism ( An outpost of progress).